

645

Genocidio contra Portugal

145

645-
581+

645

GENOCÍDIO CONTRA PORTUGAL

Desde sempre, desde tempos imemoriais, que o Mundo de todos os quadrantes se habituou a ver correr sacrificadamente o sangue generoso, heróico, magnífico e viril, da gente portuguesa, nesta cruzada, em prol da Civilização cristã, cujo termo ainda se não vislumbra.

Muitos, se não todos, dos caminhos calcorreados pelos nossos têm pegadas de sangue, o sangue em que abnegadamente soubemos emparar os trilhos que, em esforço incansável, cruzámos pelas sete partes do Mundo.

E soubemos fazê-lo, até começá-lo, em gesta de epopeia — essa epopeia que povo algum jamais logrou superar.

O primeiro sangue que os Portugueses souberam sacrificar à causa da Civilização cristã não foi um sangue qualquer. Foi o de um Príncipe que também foi santo, um desses a quem o Épico chamou «Inclita geração de altos Infantes», o filho de D. João I, o Infante Santo D. Fernando.

Depois, quando D. Henrique, o Príncipe seu irmão desvendou as portas do Mundo prestando, com os Descobrimentos, o maior serviço que nunca homem algum tributou à Humanidade, de quanto e quanto sangue português se não encharcaram as terras que pés da nossa gente foram os primeiros a pisar?...

Os nomes de Nuno Tristão e Gonçalo de Sintra, à cabeça dos que, porventura, se perderam no misterioso das plagas africanas, vítimas da traição, ou do desconhecimento dos aborígenes, são nomes de legenda doirada a refulgir na perenidade dos séculos, como heróis e mártires de uma causa que é das grandes glórias da Humanidade de todos os tempos.

Mais tarde são um S. Gonçalo Garcia, mártir no Oriente, esse Oriente que ele teimou em trazer para as luzes do Ocidente; um D. Gonçalo da Silveira, o primeiro que pela Civilização caiu na África Oriental; um João de Brito, o mártir de Ugur que a Igreja já glorificou erguendo-o às honras supremas dos altares; um Beato Inácio de Azevedo e os seus heróicos quarenta companheiros e quantos e quantos outros...



S.N.I.
145

Mais modernamente, pode dizer-se quase no nosso tempo, há que não esquecer o massacre dos heróicos tenente Valadim, aspirante Almeida, dos cinquenta landins e duzentos e cinquenta carregadores seus companheiros, trucidados pelo soba de Mambue e sua gente. E a seu lado podem recordar-se os massacres, não menos horrorosos, do alferes Chamusca e os nove homens, que com ele iam no Chibuto, em 1895; o do tenente de dragões Conde de Almoester e companheiros, em dezembro de 1877; o do Cunene, já no começo do actual século, em que tombaram, heróicamente, vítimas dos maiores horrores, trezentos e vinte e quatro homens entre os quais dezasseis oficiais e doze sargentos.

No entanto, todas estas atrocidades — largo tributo pago pelos Portugueses à causa da expansão da Civilização ocidental, no Continente negro —, pouco são, ou valem, em relação aos crimes sem nome de que em nossos dias tem estado a ser teatro a terra sacrificada de Angola.

É que, agora, mais que o martírio de um homem, herói ou santo, mais que o massacre de um grupo, por mais numeroso que ele seja, trata-se de um autêntico genocídio levado à prática com os maiores requintes de selvajaria.

Bandos armados de facínoras, na sua maior parte estrangeiros, a soldo e sob o comando do comunismo internacional, têm caído selváticamente sobre homens, mulheres e crianças, tanto brancos como mestiços e pretos; posto povoações nativas a ferro e fogo, queimando sanzalas, destruindo e roubando, cometendo os mais revoltantes assassínios, as mais miseráveis violências, as mais incríveis atrocidades.

Não é possível relatar completamente, por mais espaço de que dispuséssemos, por maior poder de descrição que fosse o nosso, o que têm sido esses crimes sem nome em que foram miseravelmente violadas mulheres e crianças indefesas, novas e velhas, religiosas e leigas.

O delegado português na O. N. U. pôde há pouco referir, perante aquela magna assembleia de onde tem vindo tanto apoio, adesão e solidariedade aos terroristas, os seguintes factos que são por si mesmos, em toda a sua indescrevível atrocidade, elucidativamente eloquentes:

«Numa fazenda onde os habitantes estavam a ser atacados por um bando de 400 assaltantes, um português de cor, quando lhe faltaram as munições, tentou alcançar um edifício próximo, mas foi apanhado por uns quantos terroristas que o decapitaram e lhe cortaram os órgãos sexuais e esses terroristas, jogando ao ar esses bárbaros troféus, cantaram e dançaram, como verdadeiros selvagens, orgulhosos do seu monstruoso crime.

«Uma testemunha que assistiu ao episódio e sobreviveu, para o contar, viu igualmente como foram assassinados outros homens e outras mulheres. Ouviu gritos prolongados de agonia dos que eram esquartejados — porque os terroristas, com as suas vítimas ainda vivas, arrancavam-lhes os olhos, cortavam-lhes as mãos, arrancavam-lhes bocados de carne, puxavam-lhes para fora os intestinos e cometiam outros actos bestiais. Houve brancos, mestiços e negros que foram esfolados em vida.»



Português de cor assassinado à catanada.

Jornalista angolano assassinado junto de um muro.





Crianças mortas com catanas perto da criada negra degolada.



Crianças mortas com catanas perto da criada negra degolada.



Branco assassinado nos arredores de Carmona durante um ataque dos terroristas.

...do corpo e a...
...de cada lado e a...
...dos corpos, h...
...para a respectiva população...
...que não quiseram aderir...
...em meio dito,...

Criança de 11 anos, assassinada à catanada quando fugia durante um assalto dos terroristas a Quibaxe.





Branco assassinado depois de a mulher ter sido violada.

Branca degolada durante o ataque a Quitexe.



E aquele diplomata acrescentou ainda:

«As mulheres, fosse qual fosse a sua idade, eram arrastadas das suas casas pelos terroristas, que lhes arrancavam os filhos e jogavam à bola com os corpos dessas inocentes vítimas. A todas as crianças eram cortados pés e mãos; aos rapazinhos cortavam também os órgãos sexuais, enquanto as rapariguinhas eram violadas. Todas as mulheres fosse qual fosse a sua idade eram despidas e ultrajadas por diversas vezes pelos bandos selvagens. Uma jovem foi amarrada a uma árvore, com os braços em cruz, e os terroristas cortaram-lhe os seios pondo-lhe um em cada mão. Todas as mulheres sofreram a ablação dos seios antes de serem mortas — mortas com requintes de malvadez, abrindo-lhes o corpo à facada para retirarem as entranhas substituídas depois por troncos de árvores.

Estas cenas passaram-se no assalto à fazenda M'bridge e o nome do sobrevivente ainda a convalescer do choque sofrido é Manuel Lourenço Neves Alves. Os terroristas que assaltaram aquela fazenda não eram conhecidos na região e o ataque deu-se a 15 de Março.»

Como sempre, estes horrorosos e inomináveis crimes são praticados por estrangeiros.

Bem o disse, aliás com a sua límpida e habitual clareza, o Sr. Presidente do Conselho na já histórica entrevista ao «New York Times» falando da acção terrorista:

«O método adoptado tem sido quase sempre o do assassinio de uns tantos habitantes de cada aldeia e o da exibição dos corpos, barbaramente mutilados, perante a respectiva população convocada para esse espectáculo sinistro; aos que não quisessem aderir, era então dito, aconteceria a mesma sorte.

.....
Sabe-se, pois, que é notório, onde funcionam os organismos de direcção, os campos de instrução, os serviços de recrutamento — todos em território estrangeiro. Não se sabe tão precisamente, salvo em alguns casos, quais as fontes de financiamento de que, aliás se suspeita.»

O que se tem estado a passar em Angola excede em muito os grandes e inclassificáveis crimes cometidos no Congo ex-belga, onde, de resto, se acoitam os inspiradores e orientadores dos massacres praticados pelos terroristas que agem na nossa África Ocidental.

Anda por Angola uma carta-circular de um tal A. Holden Roberto, um português infelizmente nascido em Angola, mas que praticamente tem vivido sempre no Congo, onde se deu à miserável tarefa de fundar a já famigerada U. P. A., e na qual se lê:

«Tereis que dar dinheiro, muito dinheiro para apoiar o nosso ilustre amigo Patrício Lumumba. Já entregámos ao sr. Lumumba cinco milhões os quais lhe permitirão sem dúvida obter os meios necessários para conquistar o poder e libertar Angola.

«Em poucas palavras o nosso plano para o futuro: Seku Touré deverá reinar na parte norte da África, o camarada N'Krumá no centro, e este vosso servidor, Holden Roberto, no sul. E esperamos que o nosso eminente

camarada Lumumba nos ajude a realizar o nosso destino. O futuro aliás está a ser forjado. É preciso não acreditar em boatos. O comunismo não é uma má coisa. Quando estivemos em Moscovo vimos ali coisas magníficas, que os ocidentais nunca terão.»

E o traidor Roberto continua:

«Preparem as armas ... vamos abrir fogo ... não temos receio, pois a Rússia nos dará armas e Lumumba ajudará a U. P. A. ... Matemos os brancos que Lumumba já deu a ordem.

A circular que começava com três vivas: Viva a U. P. A. — Viva Nikita — Viva Angola terminava com um elucidativo «Viva o Comunismo!».

Depois disto parece já não ser necessário comentários de maior para se ter a certeza inequívoca e eloquente, do que é, e qual a sua origem, o terrorismo em Angola.

Com razão a mais lúcida o Prof. Adriano Moreira, Ministro do Ultramar, pôde ainda recentemente, nas suas declarações aos Diários Associados, do Brasil, acentuar:

«Aqui a que está a assistir-se em Angola, como já tenho esclarecido e insisto nisso, é uma agressão vinda do exterior, conduzida do exterior e que revestiu a natureza de um crime de genocídio contra todo o grupo que aceitou a defesa da cultura portuguesa independentemente da sua cor.»

Felizmente, uma valiosa parte do mundo, aquela que ainda não perdeu o respeito pela verdade nem pela moral, já vai vendo a razão que nos assiste.

É o caso, por exemplo, do escritor francês Robert Pesquet que, falando da «Penetração soviética em Angola», sublinha:

«O objectivo é expulsar os europeus da África, na esperança de os substituir. O método empregado é o terrorismo. Os instrumentos são os bandoleiros, vindos do antigo Congo belga.

«Encarregaram-nos de desrespeitar mulheres e crianças, de as matar em seguida, de mutilar os homens antes de os chacinar. E tudo isto, evidentemente, em nome da independência, da civilização, dos direitos dos povos a disporem de si próprios.

«Este exército de assassinos a soldo pertence a diferentes organizações de obediência comunista mais ou menos confessada, mas está igualmente em estreito contacto com os Americanos, o que, desgraçadamente, deixou de parecer já incompatível. Esses movimentos têm as suas sedes em Léopoldville e Stanleyville e é de lá que com toda a impunidade se formam, se armam e se lançam em ondas sucessivas sobre Angola, essas vagas de assassinos.»

Há realmente uma grande tragédia na terra portuguesíssima de Angola, uma tragédia sem nome, executada segundo os planos das forças do terrorismo e da subversão internacionais, contra as quais cumpre, ao mundo civilizado reagir, e depressa se também ele quiser salvar-se ...



Pedaços de corpos humanos encontrados após um ataque de terroristas.

Português negro horrivelmente mutilado depois de lhe terem arrancado os olhos em vida.





Colono branco morto à catanada.

Indígenas angolanos vítimas da barbárie terrorista.





Português nativo horrivelmente mutilado.

Um português negro desventrado e decapitado.





Nativa assassinada com os maiores requintes de crueldade.

NB



EFG0000515255

S.N. I